

Edição 014/ Dezembro de 2023

O ODISSEU

Guerras e Literatura

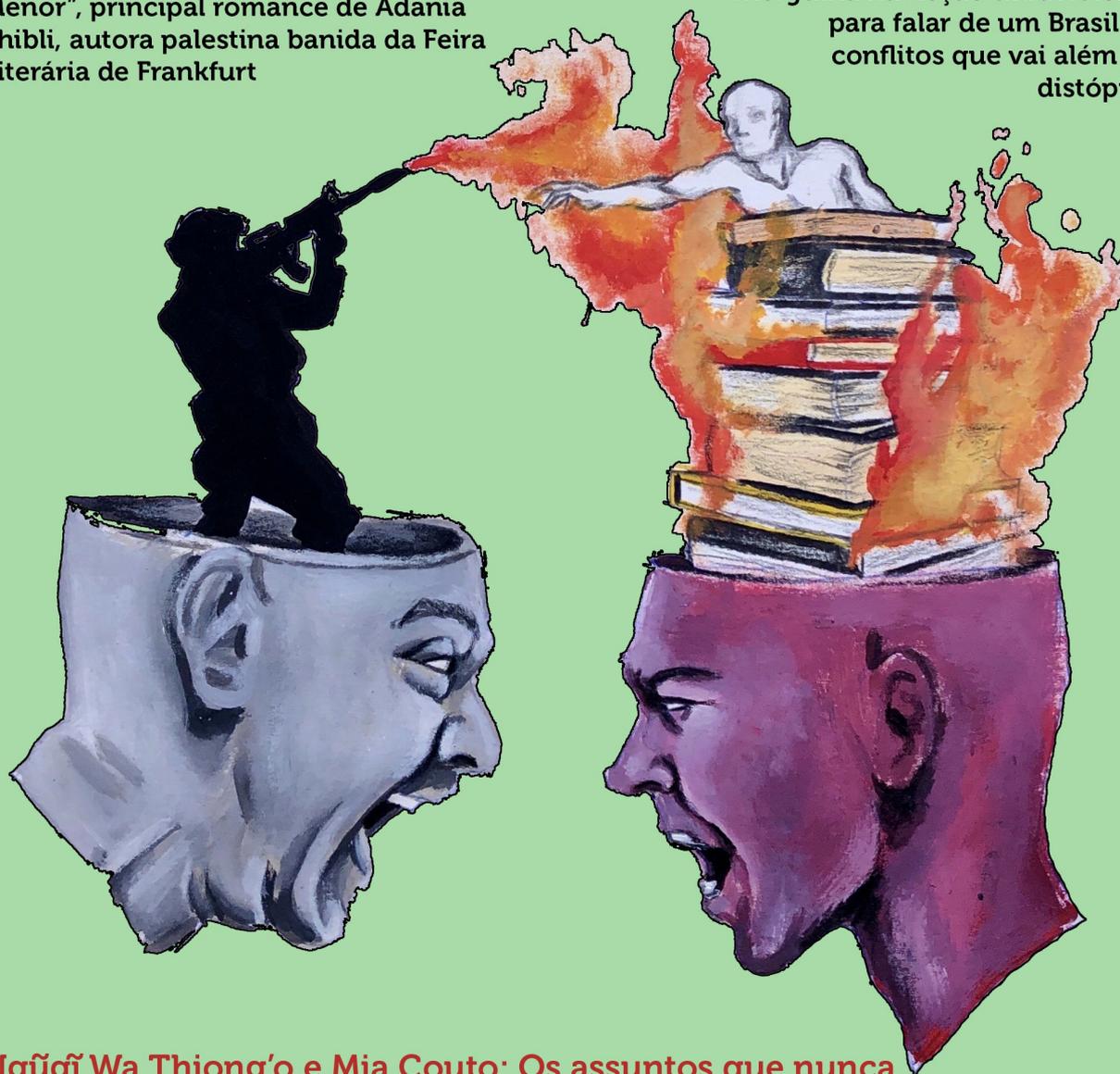
Quando as letras sangram

"A grandeza de um detalhe menor: tensões entre o mapa e a linguagem na narrativa de Adania Shibli"

Nico Hirata escreve sobre "Detalhe Menor", principal romance de Adania Shibli, autora palestina banida da Feira Literária de Frankfurt

"Conflitos"

Pedro Henrique Rodrigues mergulha na ficção ultraviolenta para falar de um Brasil de conflitos que vai além do distópico



Ngũgĩ Wa Thiong'o e Mia Couto: Os assuntos que nunca deixam de nos tocar

Ewerton Ulysses Cardoso escreve sobre a literatura africana contemporânea e seu papel na independência dos países da África



Foto da Biblioteca Nacional Australiana

O número de pessoas deslocadas por guerra, perseguição, violência e violações de direitos humanos em todo o mundo provavelmente ultrapassou 114 milhões em 2023

Dados da Agência da ONU para Refugiados

Sumário

Editorial: "Aquilo que não me mata, torna-me mais forte?
Quando as palavras sangram" - de Pedro Henrique
Rodrigues, p. 2

"Ngũgĩ wa Thiong'o e Mia Couto: Os assuntos que nunca
deixam de nos tocar" - de Ewerton Ulysses Cardoso, p. 3

"Sobre Guerras" - de Aline Félix, p. 6

"Quem são os bárbaros?", de Lili Baillargé, p. 9

"A Terra que eu buscava era Azul': O doce e envolvente
romance 'Mikaia'" - de Fernanda de S. Guimarães Caldas,
p.10

"A grandeza de um detalhe menor: tensões entre o mapa e
a linguagem na narrativa de Adania Shibli", de Nico Hirata,
p. 12

"Conflitos" - de Pedro Henrique Rodrigues, p. 15

"Como você sabe que este mundo é mundo?" - de Dante
Oliveira, p. 20



**Nós dedicamos a edição
de dezembro de 2023 à
memória do poeta
palestino
Refaat-Alareer, morto
pelas forças israelenses
no combate entre Israel
e Hamas.**

“Se eu devo morrer,
você deve viver
para contar a minha história
para vender minhas coisas
comprar um pedaço de pano
e algumas cordas,
(deixe-o branco com uma cauda longa)
para que uma criança, em algum lugar em
Gaza
enquanto ela encara o céu nos olhos
esperando seu pai que partiu em chamas
e não se despediu de ninguém
nem mesmo de sua carne
– nem mesmo de si –
veja a pipa, minha pipa que você fez,
voando acima
e imagine por um momento que um anjo
está lá trazendo de volta o amor

Se eu devo morrer
deixe que isso traga esperança
deixe que isso seja um conto”

**“Se eu morrer”, último poema de
Refaat-Alareer publicado em seu
instagram antes de sua morte.**



Foto: Biblioteca Britânica

Editorial

"Aquilo que não me mata, torna-me mais forte"? Quando as palavras sangram

Pedro Henrique Rodrigues
Editor e Colunista

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa da Infopédia, guerra, pronome feminino, pode significar:

Conflito armado entre duas ou mais nações ou grupos, que envolve mortes e destruição;

Operação ou conjunto de operações militares no âmbito de um conflito armado; campanha;

A arte militar;

A administração militar;

Figurado situação de hostilidade entre pessoas ou grupos; antagonismo, rivalidade;

Figurado desentendimento; zanga;

Figurado oposição declarada; combate;

Figurado disputa acirrada; competição

intensa;

Figurado conflito; luta.

Atualmente, 32 países estão em conflitos de vários tipos. Com gravidade e duração variáveis, todos estão a causar grande sofrimento e crises humanitárias. Países como a Argélia, o Burkina Faso, o Chade, a Tunísia, o Uganda e o Iêmen estão a viver alguma forma de insurgência terrorista, um conflito que frequentemente envolve grupos extremistas que procuram alcançar os seus objetivos políticos através da violência. Países como o Afeganistão, a Etiópia, a Líbia, o Mali, a Somália, o Sudão do Sul e a Síria estão atualmente a enfrentar guerras civis devido a uma variedade de fatores, resultando em perdas e deslocamentos significativos. O Sudão do Sul também sofre atualmente violência por motivos étnicos, resultando em numerosas vítimas e deslocamentos populacionais. Países como a Colômbia, o México e o Brasil vivem atualmente uma guerra às drogas caracterizada pela violência e pelo crime organizado relacionado com o tráfico e distribuição de drogas. Segundo o The Brazilian Report, o Brasil gastou mais de dez bilhões de dólares em um ano na guerra às drogas, o que representa um grande fracasso para o país.

Muito se discute sobre a utilidade das guerras. Há cerca de dez anos, um estudo concluiu que a guerra foi a "força motriz" que criou as sociedades em que vivemos hoje. Ao longo de 3.000 anos, as guerras – e os guerreiros montados em particular – espalharam a "civilização" por todo o mundo e não inovações como as tecnologias agrícolas ou a escrita. Sem guerra, sociedades grandes e complexas como as de hoje poderiam não ter se desenvolvido. O estudo, que examinou como a guerra e as ideias "se espalham" pelo mundo numa simulação de computador, previu com precisão a ascensão de impérios reais ao longo de 3.000 anos e pode até ajudar-nos a "prever o futuro". Durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados nazistas muitas vezes possuíam as obras de Friedrich Nietzsche, e até mesmo os alemães comuns eram ocasionalmente incitados pelas palavras do filósofo. Após a derrota em Stalingrado em 1943, o Ministro da Propaganda Nazista Joseph Goebbels declarou: "Mais uma vez justificaremos as palavras do filósofo [Nietzsche]: 'O que não me mata me torna mais forte'. Mesmo que a Ciência tenha apresentado evidências desse aforismo, seria verdade em um contexto de guerra? Considerando que o desenrolar da trajetória humana tenha se mostrado indissociável da prática de guerras, é inevitável que elas aconteçam mesmo diante das tragédias que elas promovem? Ser a força motriz da civilização humana justifica sua existência ainda hoje? Guerra é o mote desta edição, nomeada "Aquilo que não me mata, torna-me mais forte"? Quando as letras sangram".



O escritor moçambicano Mia Couto e a escritora brasileira Luciany Aparecida na Flipeló 2023
Foto: Danilo Alves/ Revista O Odisseu (daniloalvesfotografia)

Ensaio

Ngũgĩ Wa Thiong’o e Mia Couto: Os assuntos que nunca deixam de nos tocar

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor e Colunista

Em agosto deste ano, tive a oportunidade de ouvir o escritor moçambicano Mia Couto no Teatro Sesc Pelourinho para a edição deste ano da Festa Literária Internacional do Pelourinho, em Salvador. A mesa foi brilhantemente conduzida por Luciany Aparecida (*“Mata Doce”/ Alfaguara 2023*) e contou com uma plateia calorosa. Uma fila enorme formou-se no lado de fora do teatro, e muita gente teve que assistir do lado de fora. É realmente emocionante ver a literatura movendo uma cidade desta forma, reunindo pessoas de diversas idades e contextos sociais.

Na ocasião, tive a oportunidade de fazer uma pergunta ao escritor (ainda não acredito que isso aconteceu e nem de onde reuni coragem para fazer a pergunta). Contei a ele que tinha acabado de ler o seu romance *“O Mapeador de Ausências”* (Companhia das Letras, 2020), que achei brilhante, e que comentei com um amigo sobre o livro. Meu amigo, em questão, disse algo como *“o Mia Couto está sempre escrevendo sobre a Guerra Civil em Moçambique”*, numa forma de tentar reduzir a literatura do autor.

Ao comentar o ocorrido no enunciado da pergunta a Mia Couto, disse que essa é uma crítica comum aos escritores que vêm de alguma minoria social: seja a literatura feita por mulheres, por pessoas negras, por pessoas LGBTQI+ e, também, a autores africanos: a centralidade no tema das opressões específicas de seu grupo. Perguntei o que ele achava dessa crítica e ao fim disse: *“só para contextualizar, esse meu amigo é um homem branco, sudestino e heterossexual”*, e a plateia do teatro fez *“ahhhhhh”*, como se dissesse *“tá explicado!”*.

De certa forma, está mesmo. O que os homens brancos sudestinos não percebem é que a literatura que eles chamam de *“universalista”*, responsável por falar de assuntos *“universais”* dos seres humanos, não é nada neutra! Os homens

Os homens brancos europeus estavam sempre falando de si mesmos e de suas realidades. Assim foi com Flaubert, Eça de Queiroz, Thomas Mann ou Nietzsche. Nenhum deles estava falando dentro de um ponto de vista universal, mas dentro do ponto de vista do homem branco, burguês e europeu.

A falácia da universalidade se deve ao fato de que estes homens sempre se viram como universais e como o centro do mundo. Assim, falar deles mesmos era falar do universal, ao passo que a literatura de mulheres sobre mulheres ou de negros sobre negros seria uma segmentação, algo específico feito para algum grupo. Quer exemplo mais claro que a delimitação como “regionalista” da literatura dos anos 30 feita por nordestinos sobre nordestinos e por nortistas sobre nortistas?

Ora, Drummond não estava escrevendo, na mesma época, sobre o homem sudestino? É que o sudeste não seria uma “região”, seria o universal (na cabeça deles próprios). Não é. O sudeste é região, assim como o homem branco burguês não é o universal. Só depois de fazer a pergunta a Mia Couto que eu percebi que ela era bastante provocativa e que, se ele não tivesse entendido direito, acharia que eu repetia a ofensa a ele. Mas ele entendeu muito bem e deu uma resposta brilhante: “Não somos nós que estamos sempre tocando nos assuntos, são os assuntos que continuam a nos tocar”. A plateia aplaudiu. Eu também aplaudi. Ele mencionou brevemente que a guerra civil em Moçambique ainda era um assunto não terminado, ainda reverberava e por isso aparecia em sua literatura.

Moçambique é apenas um dos vários países da África que se encontraram em situação de guerra civil logo após a proclamação da independência. Isso é muito recente, no século XX. Muitos dos africanos vivos hoje ainda estavam vivos durante as guerras civis de seus países. A independência do modelo colonial é de pouquíssimo tempo atrás no continente africano. Em Moçambique, a guerra teve início em 1964 por rebeldes em uma luta armada, num momento em que todo o continente africano se organizava para a libertação de suas metrópoles. Para manter o domínio colonial, Portugal aliou-se a movimentos e partidos políticos racistas, como os da África do Sul, sem falar do apoio da OTAN (sim, ela mesma) para combater os rebeldes (DIAZ, 2022). A independência mesmo só viria em 1975 e os estragos no país africano até hoje são visíveis. A

A colonização não passa despercebida em lugar nenhum do mundo.

Antonio Emilio Leite Couto, o nosso Mia Couto, nasceu numa Moçambique pré-guerras da Independência, em 1955, filho de portugueses, sendo o pai dele o poeta e jornalista Fernando Leite Couto. A sinopse da Companhia das Letras de “O Mapeador de Ausências” diz que Couto inspirou-se na figura do próprio pai para construir o personagem Adriano Santiago, um poeta e jornalista moçambicano que, na Moçambique pré-independência, lutava com as armas da palavra contra o regime colonial. O personagem principal do livro, Diogo Santiago, filho de Adriano, também compartilha similaridades com o próprio Mia: é um intelectual-poeta moçambicano de renome que volta à sua cidade natal para receber um prêmio na universidade. O autor, entretanto, faz uma nota no início do livro em que tenta impedir a leitura como puramente biográfica, embora assuma as referências:

“Esta é a história de um jornalista e poeta português, um homem ingénuo a quem entregaram provas de um massacre cometido pelas tropas portuguesas em Moçambique no ano de 1973. Esse homem bom e ingénuo era o meu pai [...] Esta narrativa ficcional foi inspirada em pessoas e episódios reais. Por outras palavras: neste livro, nem gente, nem data, nem lugares têm outra pretensão que não a de serem ficção” (COUTO, 2020, p. 7).

Não sei se o Mia conseguiu convencer a todos. Eu, pelo menos, não fiquei muito convencido. A história do livro é um emocionante resgate de documentos sobre o massacre e a reconstrução da imagem de um pai por seu filho a partir da luta pela independência do país que adotou. É, para qualquer caso, uma ficção.

Um livro de não-ficção é o emocionante “Sonhos em Tempo de Guerra: Memórias de Infância”, de Ngugi Wa Thiong’o (Biblioteca Azul, 2010). Como o próprio título já entrega, trata-se do resgate da infância do autor queniano que hoje é celebrado como o principal nome da literatura de seu país. Thiong’o é sempre um nome cotado para o Prêmio Nobel de Literatura (assim como Mia Couto), mas até o momento não recebeu. Tenho minhas teorias. No livro ao qual me refiro existe uma crítica consistente do autor não apenas ao modelo colonial que dominava o Quênia durante a sua infância, mas às figuras políticas que estão por trás desse modelo também. Quase sempre não as mencionamos, principalmente porque o ocidente insiste em classificá-las como heróis e aqui, mais precisamente, Thiong’o fala do Prêmio Nobel de Literatura Winston Churchill e da Rainha Elizabeth II (que Deus a tenha). Talvez a



O autor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o
Foto: Steve Zylus

Academia Sueca queira apenas evitar uma grande briga, como de costume.

A narrativa autobiográfica perpassa o crescimento de Thiong'o neste Quênia colonial e a sua própria descoberta do mundo que o rodeava em todas as suas dores e alegrias. Aqui, mais que no livro de Couto, existe um grande apelo às tradições e vivências africanas, o que se explica pela própria história de ambos os autores: Thiong'o vem de uma família pobre de ancestrais africanos, uma família atravessada pela poligamia e pelos rituais sociais e religiosos genuinamente africanos. Há, entretanto, também um apelo judaico-cristão implícito. O autor menciona a descoberta dos textos do Velho Testamento como um momento de descoberta da leitura e literatura e fala um pouco de sua própria relação com o cristianismo. Não sei até hoje se Thiong'o é cristão, mas isso me pareceu irrelevante de pesquisar. Por outro lado, há momentos em que o antagonismo é claro. Não apenas ao mencionar as ideologias políticas, mas as próprias lógicas ontológicas que guiam o homem europeu e o homem africano.

Um debate que acho interessantíssimo é a própria discussão sobre a palavra escrita e a sua valorização na civilização europeia e a oralidade milenar em África. Nos trâmites jurídicos, até hoje, permanece a autoridade da palavra escrita documental sobre a palavra oral, e para discutir isso eu recomendo a leitura de Carla Akotirene. Na literatura, a palavra escrita ainda é predominantemente aceita ao passo que a oral nem sempre.

A independência do Quênia, a partir da leitura de Thiong'o, perpassa o inconformismo com a exploração, sendo um ponto importante para o início do pensamento de independência na 2ª Guerra Mundial, quando os africanos quenianos lutaram fortemente ao lado dos aliados europeus. A história, entretanto, não registra a participação africana nessa luta. Os britânicos e franceses são lidos como heróis, mas onde está a luta africana em registro? Além disso, seriam mesmo heróis aqueles que lutaram contra o nazismo e impuseram semelhante plano de eugenia e dominação sobre os países africanos?

Thiong'o deixa viva essa história ao trazer à

tona o depoimento de seu primo Kabae, um herói de guerra anônimo que relatava ao primo mais novo o que viveu na guerra. Um dos trechos mais emocionantes do livro é esse resgate:

“Chuvas de monção transformavam as estradas de terra em rios de lama. E os japoneses eram combatentes ferozes. Mas nós da África Oriental nos mostramos como combatentes da selva. Quanto ao bombardeamento de Hiroshima, bem, eu não estava lá. E isso não devia ser tema de danças. O mundo nunca vai saber o que e quanto nós africanos demos a essa guerra.” **Isso foi tudo, sua mais detalhada reflexão sobre a guerra (THIONG'O, 2010, p. 48).**

Tanto o livro de Thiong'o quanto o de Couto são duas importantes reflexões que nunca deixaria de nos tocar o coração: as doenças da África criadas pelos colonizadores. São duas obras que falam a partir de lugares diferentes (tanto de países diferentes quanto de cidadãos diferentes), mas se encontram no desejo de falar de um assunto que nunca deixa de tocar homens e mulheres africanas. Mia Couto e Ngugi Wa Thiong'o são escritores em tempos de guerra.

REFERÊNCIA

Barrios Diaz, J. A. S. (2022). POR INTERMÉDIO DA LUTA ARMADA: OCUPAÇÃO COLONIAL, GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL E INDEPENDÊNCIA EM MOÇAMBIQUE. Revista Brasileira De Estudos Africanos, 7(14). <https://doi.org/10.22456/2448-3923.124572>



Membros do 6888º Batalhão Postal Central marcham em desfile em homenagem a Jean D'Arc, na França.

Foto: National Archives and Records Administration

Ensaio

Sobre Guerras

Aline Félix
Editora e Colunista

Lembro que quando começou a pandemia e o período de isolamento social (ainda éramos jovens e sonhadores—contém ironia) muitas teorias se formaram acerca de como seríamos após essa experiência.

Vi relatos otimistas, que falavam de uma transformação cultural, que jamais voltaríamos ao 'antigo normal', falavam de uma conscientização sobre a importância de revermos nossos atos em relação à natureza e ao consumo.

Outros, um pouco mais realistas, diziam que algumas mudanças aconteceriam, mas seriam temporárias, afinal a humanidade já passou por diversas pandemias e não houve registro de nenhum salto moral ou de consciência após esses períodos.

Só não me lembro de alguém tão pessimista que apostaria em uma guerra quando a pandemia fosse controlada (uma vez que ela ainda não havia acabado quando começou a guerra na Ucrânia). Assim, quando vi a notícia sobre a guerra na

Ucrânia, não podia acreditar que realmente aconteceria e lembrei de um documentário sobre a Segunda Guerra. Fazia pouco que havia assistido ao documentário num determinado momento falaram que após a Primeira Grande Guerra, havia ficado uma certeza de que jamais voltaria a ocorrer guerras, pois além das pessoas terem sofrido na pele os danos causados por algo tão brutal, que havia causado tamanha destruição, havia os registros das mutilações, imagens dos jovens que foram perdidos, de famílias e lugares destruídos, enfim, ficaram registros para próxima geração recordarem daquele período e assim tal atrocidade não se repetisse.

Talvez fosse o desejo de que isso se tornasse realidade que os fizesse acreditar em algo que hoje podemos definir como ingenuidade.

Mas eles não foram os únicos a acreditar nisso, em seu discurso, ao receber o prêmio Nobel de Literatura, Olga Tokarczuk disse:

"Jan Ámos Komenský, um grande pedagogo do século XVII, cunhou o termo "pansofia", que abrangia ideias sobre uma potencial onisciência, conhecimento universal em que cabia toda a cognição possível. (...) O conhecimento ao alcance da mão não faria os homens se tornarem prudentes e conduzirem sua vida com sabedoria?
(...)"

Os sonhos realizados muitas vezes nos decepcionam. Acontece que não somos capazes de arcar com essa magnitude da informação que em vez de unir, generalizar e libertar acaba por diferenciar, divi-dir, fechar em bolhas, criar várias narrativas contraditórias ou até mutuamente hostis, antagonistas.”

Então agora, nos deparamos com mais uma guerra televisada e acompanhada nos mínimos detalhes na Palestina e em Israel (afinal existem diversas guerras pelo mundo, porém para a mídia, são menos importantes).

Os questionamentos desse período que estamos vivendo me fizeram pensar no livro “Diante da Dor dos Outros” (Companhia das Letras, 2003), no qual Susan Sontag, a maravilhosa fotógrafa e grande pensadora do seu tempo, analisa o vínculo entre a imagem e a guerra, as narrativas criadas em cima das imagens produzidas nos campos de guerra, os impactos que geraram algumas dessas imagens, como temos reagido a elas enquanto sociedade.

Logo no início do livro, que foi escrito em 2003, Sontag questiona: “Quem, hoje, acredita que a guerra pode ser abolida?” E ela mesma responde: “Ninguém, nem os pacifistas.” e cita o livro de Virgínia Woolf, *Três Guinéus* (Autêntica, 2019) (que inclusive estou lendo). Susan fala que o livro de Woolf foi mal recebido por falar o óbvio: “o fato de que a guerra é um jogo de homens—que a máquina de matar tem um gênero e ele é masculino.” Woolf descreve nesse livro uma suposta troca de correspondência com um advogado, que teria enviado fotos de guerra para ela com a seguinte mensagem: ‘Na sua opinião, como podemos evitar a guerra?’. Além de divagar sobre as fotos e essa pergunta, Woolf ainda questiona como podemos ficar impassíveis diante das fotos de guerra e não exigir o fim desse horror, mas Sontag levanta o seguinte questionamento: ‘Mas será verdade que essas fotos, documentos antes da chacina de civis do que de confronto de exércitos, só poderiam estimular a repulsa à guerra?’. Sabemos que não. Também serve para incitar a busca por vingança e, por consequência, mais guerra.

Penso que essa guerra de narrativas tem ficado bastante óbvia, pois em cada ataque feito aos hospitais palestinos, imagens inéditas da invasão do Hamas a Israel surge, mostrando os corpos de jovens mortos ou sendo carregados como refém, numa tentativa de justificar uma atrocidade com outra.

Além de Woolf, a autora cita diversos artistas plásticos e suas obras que retrataram a guerra e a dor e faz um paralelo com a fotografia.

Uma análise sobre como a superexposição de imagens de violência que temos sofrido e como isso nos faz aceitar de forma natural tanta atrocidade, também está presente no livro de Sontag e nesse trecho diz: ‘Como objetos de contemplação, imagens de atrocidades podem atender a diversas necessidades. Podem nos enrijecer contra a fraqueza. Tornar-nos mais insensíveis. Levar-nos a reconhecer a existência do incorrigível.’

Essa é uma das hipóteses levantadas por Sontag, ela não nos condena a seres insensíveis por não reagirmos de forma dramática a cada foto, assim como também absolve o próprio objeto dizendo que “Tampouco tem a foto a obrigação de remediar nossa ignorância acerca da história e das causas do sofrimento que ela seleciona e enquadra, mas diz que elas são um convite à reflexão.

Outro livro que me vem a memória ao pensar em guerra e no gênero que conduz essa ação é “A guerra não tem rosto de mulher”, da Nobel de Literatura Svetlana Aleksievitch, onde ela justifica porque está escrevendo “mais um livro sobre guerra”:

“...Para quê? Já aconteceram milhares de guerras – pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas... Foi escrito por homens e sobre homens, isso ficou claro na hora. Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma voz “masculina”. (...)

Quero escrever a história dessa guerra. A história das mulheres.”-

Sim, não somos nós as mulheres que começamos as guerras, mas como a autora demonstra nesse livro, infelizmente também temos protagonismo, desde o trabalho de enfermagem que é o esperado das mulheres, afinal envolve o cuidado, mas também há as que foram destaque como atiradoras, por sua precisão minuciosa.

Talvez a diferença entre o relato de uma mulher e de um homem sobre seus feitos de guerra, seja que ela não se orgulha por ter matado pessoas que não conhecia, a autora conta que no final da entrevista, ao se despedir, após contar seus feitos de guerra, que teria honrado muito homem, ela disse: “Perdão...”

Talvez, por isso o censor soviético que estava avaliando o livro antes de seu lançamento tenha dito:

“Depois de livros como esse, quem vai lutar na guerra? Você está humilhando a mulher com seu naturalismo primitivo. A mulher heroína. Destronando-a. Está transformando-a em uma mulher comum. Uma fêmea. E elas são nossas santas.”



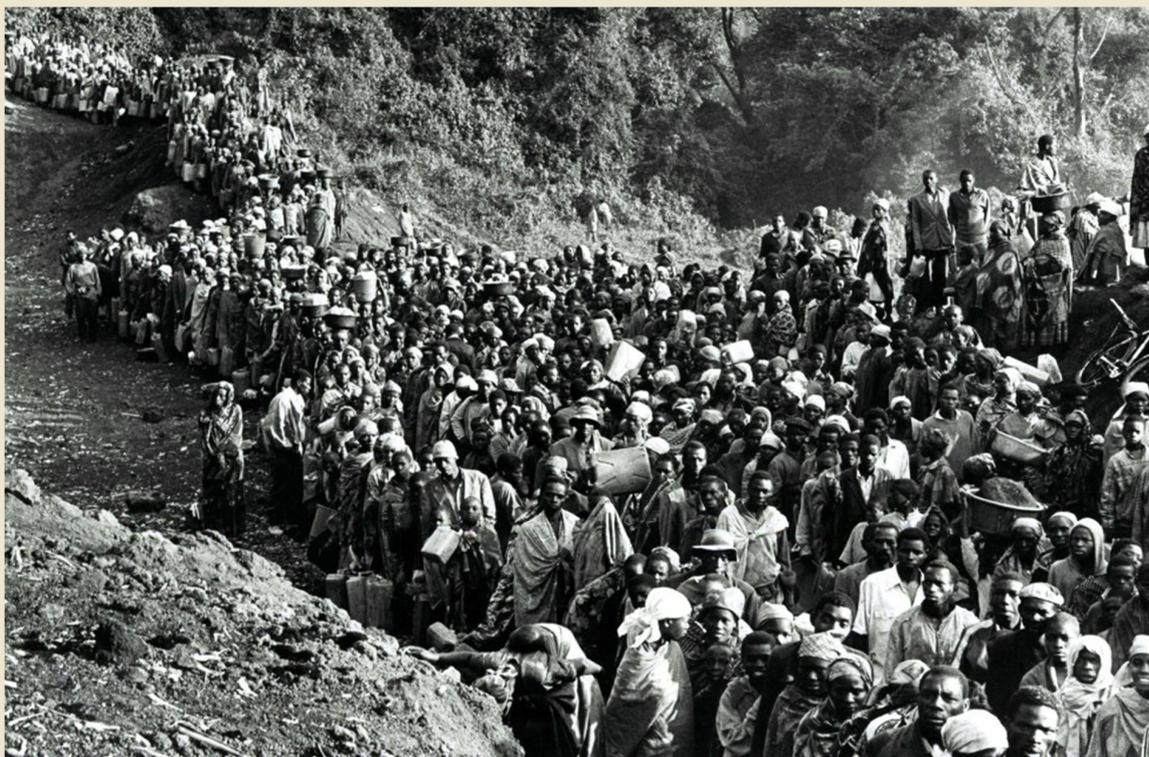
160449A.C.

Pilotos do Serviço da Força Aérea Feminina dos EUA que transportaram aviões de fábricas para bases militares na 2ª Guerra Mundial

Enfim, me pareceu mais um menino insatisfeito em ter que crescer e descobrir que a guerra não é feita de heróis, mas de pessoas comuns que matam e morrem. Penso que ele mesmo tenha se sentido destronado diante de relatos tão verdadeiros e desprovidos de heroísmo. Porém, não sejamos ingênuos novamente em acreditar que é a busca por heroísmo que motiva as guerras, mais uma vez a motivação para destruir algo, e subjugar seres humanos é o dinheiro.

As grandes potências lucram com a morte, a fome e a destruição. Isso é mais um negócio, então, nesse mundo capitalista e em que aceitamos o lucro a qualquer custo, poucas são as vozes que condenam as guerras.

Sinto muito terminar esse texto de forma tão pessimista, mas penso que a lucidez de Sontag grita em nossos ouvidos ao afirmar que ninguém acredita que a guerra pode ser abolida: "Ninguém, nem os pacifistas."



Fotos de Ruanda durante o massacre em 1994.
Foto: Sebastião Salgado/ Arquivo Médicos Sem Fronteiras

Ensaio

Quem são os bárbaros?

Lili Baillargé
Colunista

“Onde estão eles hoje? Na cripta memorial da igreja de Nyamata, crânios anônimos entre tantas ossadas? Na brousse, sob os espinheiros, em uma fossa que ainda não veio a público? Copio inúmeras vezes o nome que ainda não veio a público? Copio inúmeras vezes o nome deles no caderno de capa azul, quero provar a mim mesma que eles existiram, pronuncio seus nomes um a um na noite silenciosa. Sobre cada nome devo definir um rosto, pendurar um retalho como lembrança. Não quero chorar, sinto as lágrimas escorrerem pelas minhas faces. Fecho os olhos, esta será mais uma noite sem sono. Tenho muitos mortos a velar.”

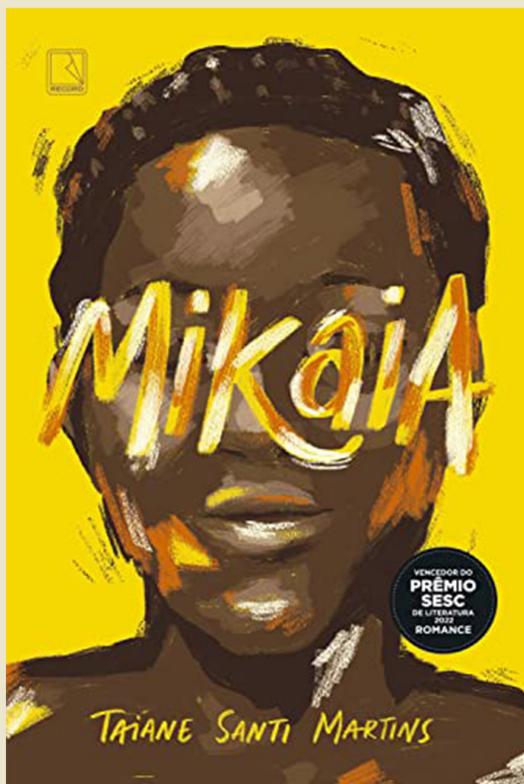
Esse é o último parágrafo do capítulo que abre “Baratas” livro de Scholatisque Mukasonga (Editora Nós, 2018), ruandesa, tutsi, escritora e sobrevivente, testemunha de um dos maiores genocídios do século XX, efetuado por extremistas hutus após o atentado que derrubou o avião que levava os então presidentes de Ruanda, Juvenal Habyarimana, e do Burundi, Cyprien Ntaryamira, ambos hutus, do qual não se

sabe a autoria até hoje, os hutus atribuíram aos tutsis, enquanto os tutsis defende que os próprios hutus abateram o avião para fornecer uma justificativa para o genocídio já discutido pelo governo hutu há algum tempo.

Este é o estopim para as cenas de horror narradas pela autora que provocou a morte de cerca de 800 mil tutsis, mas não é a razão, para compreender o que aconteceu entre tutsis e hutus é preciso retornar no tempo, mas não tanto assim, afinal, as duas etnias viviam juntas há séculos, compartilhando língua, cultura, mitologia, vivendo em relativa harmonia. As diferenças passaram a existir com a colonização belga.

Foram os belgas que perversamente produziram carteiras de identidade classificando as pessoas de acordo com sua etnia, eles consideravam os tutsis superiores aos hutus baseados em fenótipos, pois, eram pessoas de alta estatura, geralmente magras e de feições finas, que se aproximariam, segundo os invasores, do padrão europeu, logo deveriam ocupar os principais cargos da administração colonial e ter uma série de outros privilégios, o que ao longo dos anos foi criando um sentimento de injustiça nos hutus, que eram maioria, cerca de 85% da população.

Durante os cem dias do massacre, tanto a ONU quanto a Bélgica tinham forças de segurança em Ruanda, mas não foi dado à missão para parar a matança e se retiraram do país após a morte de dez soldados. Assim como a França que tinha forte ligação com o governo hutu, e décadas depois publicou um relatório admitindo responsabilidade, por demorar a agir contra o genocídio, mas negando ser cúmplice. Quem são os bárbaros?



Romance "Mikaia", de Taiane Santi Martins (Editora Record)

Resenha

"A terra que eu buscava é azul": o doce e envolvente romance

'Mikaia'

Fernanda de S. Guimarães
Caldas

Autora Convidada

O romance "Mikaia", de autoria de Taiane Santi Martins, conta a história da personagem homônima, que, após uma perda de memória – a segunda em sua vida – embarca em uma longa viagem, tanto interior quanto para seu país natal, Moçambique, a fim, não somente de conhecer-se melhor, mas de conhecer sua história e as memórias traumáticas que perdeu. Vencedor do Prêmio Sesc de Literatura em 2022, na categoria Romance, a obra foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2023, na categoria Melhor Romance de Estreia do Ano de 2022.

Mikaia era uma bailarina: esta era sua

única certeza. Mesmo seu namorado, Taú, o bailarino com quem apresentaria o espetáculo que estava para começar, no início da narrativa, é um enigma. Seu nome era uma incógnita, assim como todas as pessoas que estavam ao seu redor e sua própria história. Sua vida tornou-se um emaranhado de vazios. No entanto, a conexão com a dança era o elemento central neste momento: a dança era tudo o que ela conhecia; era como se o ballet, com seus movimentos delicados e precisos, fossem uma habilidade inata, parte de si, de sua alma. Não era necessário que Mikaia conhecesse a si mesma para que desempenhasse os passos do ballet com maestria. A descrição sensível e poética de Martins revela, com graciosidade, as emoções da bailarina ao reconhecer que, ao mesmo tempo que sua identidade é um mistério para si mesma, estava prestes a apresentar um espetáculo de dança importante. A personagem sentia-se como algo quebrado pela ausência da noção identitária. A dança e seus movimentos eram como um ninho, uma casa para a sua pequenez, como um filhote de pássaro, uma metáfora de sua fragilidade.

"Sou uma coisa quebrada, um filhote de andorinha mirrado que busca pelo ninho no apoio de uma mão estendida. Eu estico o braço num bater de asa e encontro aquela mão. Ele segue seu próprio movimento e, quando sinto que está pronto para me receber, deito a cabeça sobre o seu braço e deixo que ele sustente o peso de um corpo de pássaro. A chuva destruiu o ninho que me amparava e tudo o que restou foram aqueles dois corpos desjeitosos aprendendo a se encaixar" (Martins, 2022, p. 12).

Dada a ausência de lembranças, Mikaia foi levada ao hospital por Taú e por Sílvia, sua coreógrafa. Lá, tomou conhecimento de que estava prestes a completar trinta anos e que dançava desde os doze anos. E este era só o início de grandes descobertas! Sua irmã, Simi, também foi chamada, na intenção de obter respostas para a repentina perda de memória, mas, só ao conversar com a avó Shaira, dias depois, descobriu que a primeira vez que sofreu com uma amnésia, foi aos doze anos; naquela época, no entanto, decidiu não se lembrar do passado e seguir a vida a partir daquele momento. A narrativa conta, ainda, com a presença de palavras em emakhuwa-enahara, dialeto da região de Nampula, Moçambique, traduzidas em um glossário ao final do livro; sua avó, por exemplo, é chamada de Apiipi, "avó" no dialeto. Este foi mais um recurso utilizado por Taiane Santi Martins que, não somente aproxima o leitor das origens da personagem, como tece a relação de pertencimento de Mikaia.

Diferentemente da primeira perda de memória, Mikaia decidiu visitar seu passado e reconstruir sua história. Deste modo, volta a Moçambique, na tentativa de ir ao encontro de suas origens e recuperar suas memórias mais intrínsecas, ainda que estivessem, àquela altura, perdidas. Simi não queria que sua irmã soubesse que esta não era a primeira vez que perdia a memória e a invejava, pois gostaria, ela mesma, de

não se lembrar dos episódios traumáticos que viveram na terra natal. Através de Simi, o leitor descobre o motivo da vinda da avó e das netas para o Brasil: os pais morreram durante a guerra civil moçambicana. Neste momento, o leitor se depara com as nuances do ato de testemunhar o momento histórico do país de origem.

“E olhar para o rosto da irmã ficava a cada hora mais triste e mais desafiador porque algo lhe dizia que Mikaia se lembraria, não apenas do próprio nome ou os sentimentos pelo cunhado, ou a flor preferida, ou as datas das próximas apresentações de ballet, não se lembraria apenas das amigas da escola e dos vinte anos que viveram no Brasil. Mikaia se lembraria de Moçambique e se lembraria de Nacala e se lembraria do Índico e se lembraria do sangue, da dor e da morte” (Martins, 2022, p. 66).

A conduta da irmã mais velha revela seu caráter protetor e maternal para com Mikaia. Simi queria proteger a irmã de sua história pela associação com as memórias traumáticas, até certo ponto vinculada, inclusive, ao retorno à terra natal. Contudo, quando Mikaia optou por ir para Moçambique, tem o apoio da irmã e, a partir de sua intervenção, reencontrou os familiares que lá permaneceram, conhecendo a casa em que a família morou, fazendo novas amizades e muitas descobertas, e, sobretudo, reavendo e enaltecendo sua ancestralidade através do sentimento de pertencimento.

“Mikaia” é uma leitura leve e encantadora. Mesmo elencando temáticas tão difíceis e sensíveis, a autora, com o dom da escrita, delinea os acontecimentos através de uma linguagem poética, delicada e fluida. Aos amantes de leituras que mesclam ficção e acontecimentos reais e históricos, é uma obra muito bem elaborada, que envolve e encanta o leitor do início ao fim, sendo quase impossível fechar o livro antes do ponto final da narrativa. O leitor embarca, junto à personagem, em sua viagem de descobertas e de redescobertas; ele conhece a fundo a personagem, suas angústias e seus entusiasmos, e, com ela, constrói um vínculo afetivo.

O romance de estreia de Taiane Santi Martins foi publicado no ano de 2022, pela editora Record. Contando com uma única edição, tem a primeira orelha assinada por Luciany Aparecida e Itamar Vieira Junior. O talento, originalidade e beleza de “Mikaia” nos dão o gostinho das obras de Martins que estão por vir e da carreira de sucesso que já está sendo trilhada pela autora gaúcha.

Conheça a autora convidada!



Fernanda de Souza Guimarães Caldas

Encantada pela escrita, apaixonada pelos estudos e amante de literatura, principalmente as de cunho histórico-social, é licenciada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisadora em temáticas raciais e no pós-colonialismo em literaturas em língua portuguesa.



A autora palestina Adania Shibli por Cristiane Alvarenga

Resenha

A grandeza de um detalhe menor: tensões entre o mapa e a linguagem na narrativa de Adania Shibli

Nico Hirata
Autora Convidada

Talvez você tenha ouvido falar de Adania Shibli no último mês, por conta do cancelamento — ou, nas palavras da organização, da “postergação por tempo indefinido” — do prêmio LiBeraturpreis, que seria concedido à autora palestina na Feira de Frankfurt, mas que não o foi em razão da recente escalada do conflito entre Israel e Hamas.

Se você é um leitor de revistas literárias como esta, você deve ter percebido uma movimentação nas redes sociais em apoio à autora Adania Shibli, classificando o cancelamento do prêmio como censura ou silenciamento de vozes palestinas, e talvez você tenha se perguntado: o que será que havia de tão ameaçador no livro que seria

premiado, a ponto de ser retirado de pauta às pressas pela organização do prêmio, por meio de um curto email que desconvidou a autora palestina a receber a homenagem?

O livro-denúncia é “Detalhe Menor”, publicado no Brasil pela editora Todavia, e traduzido para o português pela conceituada professora de Língua Árabe da Universidade de São Paulo, Safa Jubran. Com duas narrativas distintas, Adania Shibli nos ganha no silêncio, no não-dito, na ausência de respostas e definições, e nos prova, em apenas 112 páginas, por que detalhes tão pequenos são coisas muito grandes para esquecer.

A primeira história se inicia em 1949, um ano após al-Nakba (“a catástrofe”), que foi o êxodo forçado de mais de 700 mil palestinos com a destruição de mais de 400 vilas. A catástrofe se iniciou com o plano das Nações Unidas para a partilha da Palestina entre árabes e judeus. Contrários à criação do Estado de Israel na região, em 1948, alguns países árabes da região se opuseram militarmente ao novo país, que, em resposta, iniciou uma ofensiva contra os povos árabes, resultando na primeira Guerra Árabe-Israelense.

Com uma narrativa friamente impessoal, em terceira pessoa, a autora nos leva até o acampamento militar israelense, no qual a missão dos soldados ali alocados é garantir a integridade da limpeza étnica iniciada no ano anterior contra os povos árabes. Em uma das rondas realizadas pelo exército, eles encontram um grupo de beduínos e atiram contra todos eles. A única sobrevivente é uma menina, que é levada de volta para o acampamento, para ser humilhada, estuprada e, enfim, morta pelos soldados.

A segunda história se inicia na Ramallah contemporânea, e é narrada em primeira pessoa por uma jornalista que, ao ler um artigo sobre a menina morta pelo exército israelense em 1949, não consegue se desvencilhar da história, cultivando uma estranha obsessão pelo acontecimento, não pelo horror de um estupro coletivo seguido de um assassinato, mas porque a data da morte da menina coincidiu, passado um quarto de século, exatamente com a data de seu nascimento.

Por conta desse detalhe menor, a jornalista sem nome sai à procura de mais informações sobre a história da menina morta em 1949, e para isso, ela precisa sair da Cisjordânia, onde vive e trabalha, e atravessar territórios palestinos que hoje se encontram sob controle israelense, nos quais ela, uma mulher palestina, é tida como uma intrusa.

“Como sou patética! Nem sei onde estou, e sei que não devo ficar aqui por muito tempo se não quiser levantar suspeitas. Pego apressada tudo que trouxe de mapas, abro-os sobre o banco do passageiro e sobre o volante também. Alguns deles são publicados pelos centros de pesquisa e estudos políticos, e mostram os limites das quatro zonas, a direção do Muro e a evolução dos assentamentos na Cisjordânia e em Gaza. Outro mapa mostra como era a Palestina antes de 1948, e ainda um outro, que me foi dado na

locadora de carros, publicado pelo Ministério do Turismo de Israel, mostra as ruas e a urbanização de acordo com o governo israelense. Com os dedos trêmulos, tento localizar minha posição no último mapa.” (p. 71)

Além do território que parece se alterar de forma dinâmica, o que também se altera, e que se constata pela ausência, são os escritos e os nomes das coisas ao redor: cidades palestinas que deixaram de existir e já não são encontradas mais nas placas de rodovias ou nos mapas, assim como outdoors comerciais que estão todos em hebraico, e como tudo isso aponta a todo tempo para o apagamento pela linguagem, e a constante solidificação nada sutil de uma cultura sobre outra.

A autora Adania Shibli expressou em recente entrevista concedida ao jornal *The Guardian* sobre o medo que sente de perder **completamente a linguagem**: “É aqui, quando se trata de ser palestina, que a cicatriz dentro da linguagem pode ser mais dolorosa. Como escrever o que você não pode ouvir? Isso começa com a exclusão de ‘certas palavras’”, diz Shibli, “a mais imediata é ‘Palestina’, os nomes de lugares que articulamos em árabe, mas nunca estão presentes em placas de sinalização ou mapas, o silêncio de todos ao nosso redor em relação ao passado, a palavra ‘árabe’ e ‘arábico’ sendo tratadas como palavrões, ‘trabalho árabe’ usado para significar um trabalho ruim, e assim por diante.”

O desfecho traz a sensação de recomeço, como se a jornalista e a menina estivessem de fato vinculadas por alguma ligação oculta, o que somente reforça que as feridas atuais não são mero reflexo de uma guerra passada, mas sim de uma desumanização que se renova todos os dias. Com duas narrativas que se conectam por meio de um detalhe menor, Adania Shibli nos convida a conhecer e a lembrar daquilo que está sendo apagado em tempo real, e de forma cada vez mais violenta.

Conheça a autora convidada!



Nico Hirata

Nico Hirata nasceu e cresceu no interior de São Paulo, na cidade de São José dos Campos. Graduou-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. É advogada especializada em regulação de saúde e propriedade intelectual. “Essas Malditas Árvores” é o seu romance de estreia. No Instagram (@nicolehirata), produz conteúdo sobre literatura e outras formas de escapar da insanidade.

Você Sabia?

A Revista O Odisseu é um projeto 100% independente e feito com a ajuda de diversos voluntários que amam a literatura! O nosso sonho é justamente democratizar um conteúdo crítico e progressista sobre a literatura na internet. Por isso, distribuimos nossos exemplares de forma gratuita.



Você pode sonhar este sonho com a gente! Para isso, há três maneiras de nos ajudar:

Compartilhe que recebeu a revista nos Storys do Instagram e marca a gente! @o_odisseu



Nos envie um PIX de qualquer valor e contribua financeiramente! Chave: revistaoodisseu@gmail.com / Ewerton Cardoso Morais

Conheça nossa campanha no Apoia-se e contribua mensalmente com valores entre R\$ 5 e R\$20! apoia.se/revistaoodisseu

APOIA.se



Ficção

Conflitos

Pedro Henrique Rodrigues
Editor e Colunista

Conflito 1

A empregada notou que a senhora já não estava mais suportando a sua presença. Tudo era motivo para que a tensão no ambiente de trabalho escalasse rapidamente. A empregada não sabia dizer como tudo começou a deteriorar ou o porquê, mas as colisões diárias acabaram por tornar aquele trabalho intolerável. Há mais de doze anos prestando serviços para a senhora estrangeira, colecionando papéis de doméstica, cozinheira, jardineira, embaladora e tantas outras atividades que se acumulavam uma após a outra mantendo o mesmo salário de base. É verdade que a moradia na fazenda era ótima e a ajuda adicional para a educação do filho era extremamente bem-vinda. É verdade também que não era fácil lidar com a senhora estrangeira e seus surtos de raiva por motivos desconhecidos. A primeira vez que foi vítima do surto sem causa foi quando estava cuidando de sementes e replantio do viveiro de plantas. O administrador autorizou o plantio final de mudas exóticas em algum lugar das fazendas e isso incitou uma fúria incontrolável na senhora. Quando confrontado, ele respondeu que a empregada era responsável pela autorização.

- Eu creio que se a pessoa não está contente com o trabalho que está fazendo, ela deve pedir demissão. Ao invés de fazer coisas erradas e mandar - sem minhas ordens - plantar aquelas árvores em um lugar ainda por cima inadequado, deveria simplesmente ir ao escritório e pedir as suas contas e ir embora! - assim começou a senhora quando encontrou a empregada de surpresa na estufa de plantas e minutos antes do início do horário de almoço.

- Olá - respondeu a empregada assustada com a presença não anunciada e a tensão do discurso - eu não pensei que...

- Não tem nada que pensar! - esbravejou a senhora. Eu não pago você para pensar. Eu pago você para fazer e fazer apenas o que eu mando, não o que você pensa que é para fazer. Se não está satisfeita com esse trabalho, vá embora. Eu não preciso de você aqui!

- Mas não fui eu quem - tentou replicar a moça.

- Silêncio que estou falando. Não me interessa. Não é para fazer o que eu não mandei. Eu não preciso disso. Não tem necessidade de acontecer isso - e saiu.

A moça sentiu as lágrimas saírem sem esforço. No outro dia, a senhora retornou e estava calma. Conversou outros assuntos como se nada tivesse acontecido. Era odioso vivenciar esse tipo de situação. Todo mês um empregado passava por situação semelhante. Era um tratamento desumano. Diante da miséria que todos tinham enfrentado na vida, o pouco que conseguiam na fazenda era aceito mesmo diante da recorrente humilhação. Todos ficavam muito felizes quando ela viajava. Todos ficavam tensos quando ela retornava - quase sempre infeliz e nervosa. Ela esquecia ou fingia esquecer de tudo. Mas ninguém se esquecia das humilhações infligidas. Depois da primeira experiência com o surto da senhora, outros se seguiram esporadicamente. Era por causa de um pano de chão que era para estar no lixo, uma fruta que caiu do pé e não foi recolhida, o leite que não era fervido a tempo, pois o responsável atrasou na coleta. Ou simplesmente não havia motivo. Os empregados eram sacos de pancadas terapêuticos.

Os domínios da senhora abrangiam duas fazendas interligadas por uma estrada de terra. A moça trabalhava na fazenda menor e próxima da cidade há mais de quinze anos. Com o passar dos anos, a senhora demorava cada vez mais para encontrar a moça durante o trabalho, talvez porque estivesse mais animada em maltratar os empregados mais novos. O distanciamento evitava conflitos e assim a moça permanecia no emprego, ao contrário das que tinham que realizar o trabalho doméstico na sede da outra fazenda, onde os donos moravam, e ficava longe de tudo e de todos. Volta e meia um grande conflito acontecia e a moça tinha que ir até lá substituir a demitida até chegar a nova contratada.

Depois de quinze anos, a senhora resolveu que a moça deveria se mudar para outra moradia: uma na fazenda distante e perto de sua casa. E assim foi feito. E logo foi desfeito. Mal entrou no segundo ano, a convivência era naturalmente tensa. A situação piorou quando uma nova contratada foi humilhada por causa da quantidade de leite de vaca. Eram três mulheres em um ambiente extremamente sobrecarregado. As empregadas não encontravam apoio quando em casa: apenas mais tarefas domésticas e reclamações.

Um certo dia, uma pequena cachorrinha foi

atacada pelo trio de irmãos caninos de grande porte responsáveis pela proteção da sede. A moça de longa data, num ato instintivo, entrou no meio dos cães e lutou para retirar a cachorrinha da boca do trio, sem pensar no risco dela mesma se tornar uma vítima dos dentes poderosos. A cachorrinha conseguiu escapar e correu toda ensanguentada para dentro de uma moita. A moça sentiu uma grande dor presenciando aquele sofrimento de um animalzinho que ela tanto estimava, tendo que se esgueirar para dentro da moita para conseguir retirar o animal para que seus ferimentos pudessem ser tratados. A mistura de dor, sangue e nervosismo era intragável. Não que não pudesse ser piorado com a chegada da senhora, que acusou a moça de promover o banho de sangue. A moça nem discutiu. Já sabia que era mais um devaneio insensato e injusto. A novidade era que a raiva, o nojo e a revolta estavam tomando força. Não dormia direito. Não se alimentava bem. Às vezes nem tomava banho. Tinha se rendido à prisão do trabalho e à loucura de sua senhora.

A nova contratada tinha como responsabilidade também fazer a comida dos quase 20 cachorros que habitavam a sede. Uma cozinha semi-profissional foi construída em um anexo ao estacionamento de carros e tratores. Grandes painéis, moedores de ossos, freezers, ventilador de teto. Uma cozinha para nenhum restaurante colocar defeito. Arroz e legumes integrais, carne de vaca orgânica, leite coalhada e outros alimentos nutritivos faziam parte do cardápio. Um dia por semana, normalmente às quartas-feiras, era totalmente dedicado às marmitas caninas. De uma das janelas da sede, era possível observar a não tão nova contratada trabalhando arduamente. No final do dia, já exausta, ela lavava as panelas, limpava os moedores de ossos e organizava todas as marmitas caninas sobre as mesas para esfriarem antes de serem congeladas. Às vezes, era possível notar ela olhando para a senhora caminhando no jardim. Olhava de maneira fixa, com um rosto sisudo. A moça de longa data sabia que sentimentos estavam por trás daquele rosto inflexível. Depois de uma discussão cheia de gritos e humilhações por causa do uso da secadora ao invés de deixar secar naturalmente, a nova contratada sempre cochichava pelos cantos da casa que aquilo não iria ficar assim. E não ficou.

Na última quinta-feira de Novembro daquele ano, a moça de longa data estranhou não ter encontrado a senhora ao longo do dia todo. Será que esqueceram de me avisar que a senhora ia viajar? - pensou. Na sexta, ao chegar na sede, notou uma aglomeração incomum de empregados na casa. A senhora tinha sumido. Ninguém sabia onde ela estava. Foi até a cozinha onde eram feitas as marmitas caninas, pegou a quantidade de pacotes necessária para alimentar os quase vinte cachorros e retornou à residência. Quando foi alimentar o trio feroz, percebeu que eles não se levantaram ansiosos para receber a comida. Deve ser tristeza pela falta da senhora - imaginou. Ao longo do dia, mais e mais

pessoas chegavam à sede. Polícia, o marido vindo da capital mais cedo que o costume. Os policiais pediram que as empregadas aguardassem na mesa em frente às janelas de vidro da sala central para averiguar informações. Uma sensação de tensão -diferente da que a senhora costumava infligir- permeou o ambiente. Depois das conversas informais com os policiais, as empregadas foram liberadas para irem embora, mas avisadas que iriam ser chamadas para irem prestar depoimento na delegacia. Antes de ir embora, a moça de longa data foi alimentar novamente os cachorros. Teve ajuda da não tão nova contratada para terminar mais rápido. Novamente, o trio feroz não estava empolgado com a refeição. Realmente, eles estão sentindo muita falta dela - refletiu. Quando chegaram ao portão do qual cada uma seguiria para sua casa, a nova contratada suspirou: eu não disse que tudo que ela fez não ia ficar assim?

-Como assim? - perguntou a moça de longa data.

-A senhora não está desaparecida? Pois então, ela não ia deixar essa vida maravilhosa do nada.

-O que você acha que aconteceu? Você sabe de alguma coisa? Escutou alguma coisa?

-Eu não...mas para ela ter sumido assim, só deve ser Deus agindo. A moça de longa data concordou com a cabeça.

Nunca conseguiram descobrir o paradeiro da senhora.



C onflito 2

Naquele ano, a quantidade de novos alunos que buscavam oportunidades de pesquisa decaíram ainda mais. Professores estavam preocupados com a situação. O maior responsável pela queda vertiginosa nos últimos 5 anos foi a redução de verba por parte do governo federal e estadual para bolsas de pesquisa. Alguns alunos que iniciaram seus projetos de pesquisa nos anos anteriores quando ainda havia oferta de bolsas eram os únicos que habitavam os laboratórios de pesquisa. Assim que terminassem seus projetos, o futuro era incerto. Muito provavelmente iriam buscar oportunidades no exterior, onde não só haviam bolsas de pesquisa como também investimentos sólidos na compra de equipamentos, publicação de artigos e participação em congressos da área. O corredor dos laboratórios de pesquisa tinha assumido um caráter quase fantasmagórico, com os posters apresentados em eventos científicos de outrora emanando uma saudosa era que parecia encontrar o seu derradeiro destino.

No ano anterior, o embate entre um candidato professor universitário e um candidato militar reformado pelo cargo de Presidente da nação foi intenso. O militar reformado foi eleito e incitou uma grande onda de preocupação entre os alunos e professores do departamento. Oficialmente, uma das principais promessas do candidato vencedor na área de educação previa a criação de um colégio militar em cada capital brasileira, com inserção de disciplinas como educação moral e cívica e organização social e política brasileira. Além disso, uma forte defesa em um modelo de educação sem doutrinação e sexualização precoce, além da contrariedade às cotas raciais foram propostas pelo então candidato. Nas conversas entre alunos e professores, o sentimento era que a educação e a cultura seriam ainda mais invalidadas pelo poder público no consciente coletivo.

A preocupação era ainda maior entre os alunos oriundos das classes mais baixas, filhos e filhas das empregadas domésticas, dos pedreiros, dos que sobreviviam na margem do mercado de trabalho. Sabiam que estar na universidade era uma chance de quebrar o ciclo de exploração e falta de oportunidades que parecia ser sina por terem definido a vida de seus ancestrais. Um dos estudantes do departamento nutria cada vez mais o desespero diante das notícias que chegavam pelos noticiários e pelas redes sociais. Filho de uma auxiliar de serviços gerais em uma fazenda que sofria cada vez mais com o comportamento abusivo de uma patroa, sua busca em se estabelecer como professor e pesquisador e assim poder retirar a mãe daquela vida de sofrimento parecia fadada ao fracasso. Censuras à livros, informações falsas sobre atividades nas escolas e universidades, o número quase inexistente de vagas para professores nas instituições de ensino superior, ataques armados ao estilo Columbine. Ele percebia que o caminho a ser

seguido, caso quisesse continuar com seus objetivos profissionais, teria que ter a rota alterada para além do Brasil. O desenrolar dos eventos atacando a educação e a cultura o fizeram não só temer pela sua carreira, mas também por sua vida. Em todas as edições da revista digital da qual fazia parte, chamada O Odisseu, textos abordando questões contemporâneas intertextualizadas com literatura e não raro artigos científicos eram uma maneira de ainda se dedicar às suas paixões que encontravam um terreno cada vez mais infértil da sociedade em que vivia. No início do terceiro ano do mandato, uma nova era definitivamente se estabeleceu no país.

Tudo começou com uma caminhada supostamente inocente de apoiadores do novo presidente na Avenida Paulista, na capital Paulista. Munidos de diversos livros de autores como Machado de Assis, Euclides da Cunha, Franz Kafka, Caio Fernando Abreu e outros, o pequeno grupo interrompeu a caminhada em frente ao Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o MASP, uma das instituições culturais mais importantes do país. De arquitetura brutalista, o prédio do museu é reconhecido pelo grande vão sob quatro pilares vermelhos. O pequeno grupo entrou no extenso vão, com os membros se enfileirando em 5 filas, uma atrás da outra, com cerca de 15 pessoas cada uma, e entoaram o Hino Nacional acapella. Assim que terminaram, os membros fizeram uma roda e no espaço vazio no centro da roda, começaram a espalhar páginas e mais páginas recém arrancadas dos livros que carregavam consigo. Logo, o espaço ficou preenchido de milhares de folhas de obras importantes. Esses atos chamaram a atenção dos transeuntes e da segurança do Museu. A polícia foi acionada e o grupo foi rapidamente dispersado. A situação voltou a se repetir dois dias depois, dessa vez com alguns membros sendo capturados e levados pela polícia. A situação parecia resolvida.

No quinto dia após a primeira caminhada, quando o assunto das caminhadas já estava se esmaecendo das conversas populares e das redes sociais, a grande revanche aconteceu. Foi quando um dos membros atirou um livro no chão no vão do museu e acendeu um fósforo. Imediatamente, livros e mais livros eram adicionados à pequena fogueira até que suas chamas estivessem tão altas que atingissem o teto sobre o vão. A ação foi extremamente rápida e membros do grupo que não entraram no vão fizeram uma muralha humana para impedir ou pelo menos retardar a ação da polícia. Os homens que estavam dentro da muralha foram se afastando conforme as chamas cresciam e ardiavam mais intensamente, sempre alimentando com mais livros atirados de distâncias maiores. Antes que qualquer ação pudesse ser feita para dissipar o fogo crescente, a primeira grande explosão aconteceu e abalou as estruturas do prédio de arquitetura brutalista. Todos os membros que estavam no vão e os que compunham a muralha humana rapidamente se debandaram no

no lugar. Logo em seguida, outras explosões estrondosas se seguiram, trazendo mortes e desespero. Explosões nas pilastras fizeram o grande bloco arquitetônico que parecia estar suspenso no ar na avenida mais importante do país trepidar ruidosamente e anunciar que um ataque ao museu mais importante e famoso da nação estava em curso. Explosões e mais explosões derrubaram, por fim, o grande bloco ao chão, com partes de pedras e estilhaços de vidro se espalhando com violência pelas proximidades. Um fogo incontrolável tomava conta de seu interior. Obras históricas de importância mundial sucumbiram ao poder do fogo. Nem mesmo toda a proteção foi capaz de salvá-las. Mais do que isso, visitantes do museu no momento do ataque, incluindo principalmente jovens e um grupo de excursão escolar com estudantes que desbravaram pela primeira vez em sua vida pinturas e esculturas, sucumbiram junto com as chamas. Quando o fogo finalmente apagou, já era noite.

A escuridão tinha tomado conta do país.



C onflito 3

Naquele dezembro, recordista histórico de altas temperaturas, o clima era de festa para a equipe da revista *O Odisseu*. Seu primeiro seminário sobre literatura contemporânea tinha atraído quase uma centena e meia de inscritos. Nas redes sociais, mais de dois mil seguidores acompanhavam um conteúdo borbulante sobre literatura. A cobertura de eventos culturais e encontros com escritores e personalidades fascinantes extasiaram e inspiraram os editores da revista para o próximo ano. Para comemorar a boa fase, decidiram se reunir presencialmente no apartamento do editor chefe, Ulisses. Jovem, intelectual, baiano e intenso, Ulisses estava apaixonado pela vida. Ele tomou a iniciativa para a criação da revista e era o responsável por grande parte das conquistas que estavam sendo comemoradas. Negro, reverberava a História, lutas e belezas de seus ancestrais em seus textos, roupas e modo de viver. Por isso, escolheu temas pertinentes à cultura negra, da comida à música, passando pela decoração, para a festa da revista. Muitos convidados maravilhosos discutiam sobre política,

artes, sociedade e temas pessoais.

A festa começou logo depois do almoço e terminaria por volta das seis da tarde. Era necessário não criar atritos com os vizinhos. Na semana retrasada, Ulisses encontrou uma carta anônima na frente da porta de entrada com seu nome escrito no envelope. Em uma profusão de termos racistas e homofóbicos, a carta transmitia mais uma ameaça de morte. Não era a primeira vez que isso acontecia. Ulisses já tinha feito boletins de ocorrência e andava sempre atento pelo prédio. Planejava se mudar logo após as festas de fim de ano. Sentia que a situação poderia terminar em sangue se não fosse embora logo. Após as seis horas da tarde, apenas os editores da revista e oito amigos ficaram no apartamento para sessões de cinema e conversas sobre os planos para a revista no ano seguinte. Tudo devidamente organizado para não incomodar os vizinhos. Às quatro horas da manhã, quando todos se preparavam para ir dormir, a energia elétrica desapareceu do apartamento.

No escuro, perceberam que a porta de entrada estava sendo arrombada. Luzes do celular eram ativadas para permitir a visualização do local e de quem estaria entrando no apartamento. Ulisses percebeu que eram alguns vizinhos, munidos de paus, facas e revólveres. Um frenesi de sons secos, tiros, gritos e sangue se alastrou pelos próximos vinte minutos.

Depois, seguiu-se apenas o silêncio. Ninguém que estava fora do apartamento chamou a polícia imediatamente. Apenas quando amanheceu que gritos de terror começaram a ser ouvidos pelo prédio. O edifício fazia parte de um condomínio de 3 prédios alinhados horizontalmente em relação à entrada, cada um com 15 andares, cada um com 4 apartamentos. Cerca de 300 moradores viviam no condomínio na época do acontecido. Na parte de trás de cada prédio, um pequeno caminho na saída do térreo ia de encontro com uma avenida que dava acesso à área de lazer. A avenida era cercada por jardins vistosos e terminava no pé de uma estátua de 4 metros de Jesus Cristo de braços abertos. Foi uma exigência dos moradores locais, a maioria religiosos devotos. Do lado esquerdo da avenida, o jardim era seguido por quiosques, sauna, quadra de futsal e duas piscinas, uma para adultos e outra para crianças, uma piscina semi-olímpica. No lado direito, salão de festas, quadra de vôlei e uma pequena capela embelezavam o local. Durante a semana, aulas de yoga eram ministradas no salão de festas assim que o Sol raiava. Naquela manhã, enquanto as moradoras caminhavam em direção ao espaço para começarem as aulas, ao avistarem o resultado da madrugada macabra diante de si, começaram a gritar desesperadamente. Algumas não puderam contar o alimento que carregavam dentro de si. Outras simplesmente caíram no chão desfalecidas.

-Meu marido! -gritou uma delas.

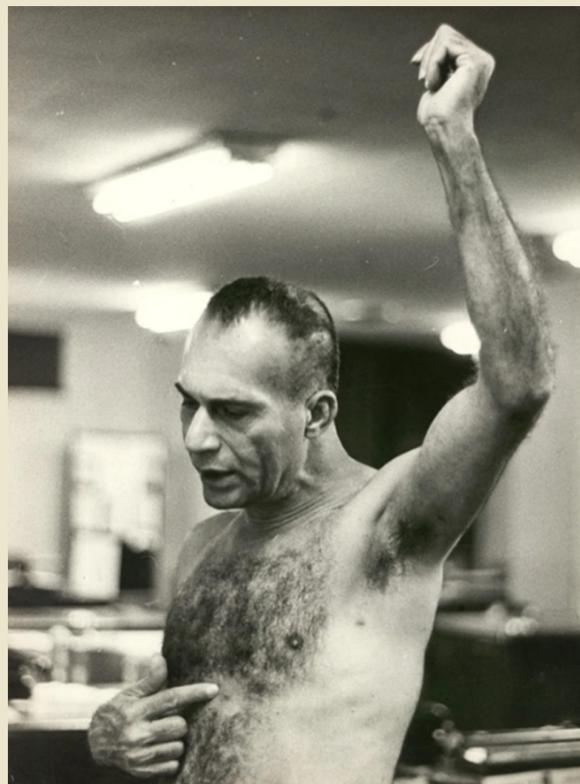
Ao longo da avenida, uma fileira, em cada lado da avenida, de cruces de madeira invertidas estavam preenchidas com seres humanos. De ponta

cabeça, com os pés e pulsos pregados nas cruces, a boca envolta por uma amarra de tecido, o marido da mulher que tinha gritado chorava, e seus olhos suplicavam ajuda. Gotas de sangue pendiam dos crucificados, formando pequenas poças pela avenida. No final dela, a estátua imponente do Cristo Redentor observava suas réplicas modernas invertidas e vivas. Todos eles sobreviveram sem grandes problemas. Ao contrário de seus planos, os invasores foram surpreendidos pelos editores e seus amigos. Suas trajetórias de vida tinham deixado claro que era preciso saber lutar e se defender. Principalmente, estar sempre preparado para o ataque iminente do inimigo. Seja a fome, o frio, o preconceito, a falta de oportunidades ou o ataque físico. Era preciso estar preparado. Ao invadirem, os inimigos foram rapidamente dominados e controlados. Entregaram os detalhes nefastos de seus planos. Ninguém deveria sair vivo dali. Todo o condomínio tinha concordado com o plano.

- Onde eles estão? - gritou um dos moradores, referindo-se a Ulisses e seus amigos. Eles já tinham partido. Sabendo que os detalhes do plano macabro tinham sido gravados durante a confissão e que ninguém tinha sido assassinado, os moradores decidiram enterrar aquela questão para sempre. No dia seguinte, realizaram uma missa na capela pedindo vingança pelo acontecido. Como o Senhor poderia ter abandonado eles naquele momento tão importante? Como não só foram rendidos como também humilhados diante da própria imagem do Senhor? Era consenso de que a fé estava fraca e era preciso orar mais intensamente e vigiar. A partir daquele dia, a capela passou a ser ponto de encontro diário entre os moradores. Vigílias e orações eram realizadas, com imagens de santos passando de porta em porta e pedindo a misericórdia e proteção divina.

Longe dali, Ulisses agradecia pela proteção. Sabia que tinha vencido aquela batalha, mas que a guerra continuava. Ele estava preparado para as próximas batalhas. Seus amigos tinham sido avisados por ele de que algo poderia acontecer, mas não imaginavam que seria algo tão grave. Perceberam que naquele momento poderiam estar mortos, o sangue escoando pela avenida do condomínio, enquanto os corpos desapareciam sem deixar rastros, encobertos pelo silêncio de todos os moradores. Estavam assustados. Embora todos tivessem enfrentado mais do que deveriam durante a vida, ainda assim estavam chocados. Ulisses estava mais forte. Ulisses estava grato. A História da nação tinha sido construída com o suor, sangue e sofrimento de seus antepassados e era mantida com o suor, sangue e sofrimento de seus contemporâneos, incluindo o dele e de seus amigos. Só que agora também seria uma História mais permeada com suas vitórias, beleza e força. Ulisses olhou para o céu, o mar, as árvores e agradeceu. Fechou os olhos. Pensou em seus ancestrais e em seus futuros descendentes. Pensou e agradeceu a todos que o ajudaram. Era um exército poderoso que estava mais forte do que

nunca. Ele tinha os erês, caboclos, cocares, zarabatanas, o escuro da mata escura, Jesus, a Rainha do Mar e muitos outros junto com ele.



O Guerrilheiro baiano Carlos Marighella



Foto de: Viktor Talashuk (Unsplash)

Ensaio

Como você sabe que este mundo é mundo?

Dante Oliveira
Autor Convidado

Como nós contemporâneos nos fingimos de escritores. É um tema. Tratamos o eco, a farsa e a fraude — mentais. É tudo passageiro quando se trata de encaminhar o pensamento ao leitor, enquanto ele se diverte. Apesar de qualquer coisa maluca, o romance ganhou forma como moda de fofoca. Quando o romance não vinha mais com o jornal, a literatura meio que acabou por falta de motivo. Mas motivo não é o que falta no mundo — foi o que faltou, pelo menos, num mundo em que não mais dividimos pessoas escritoras e leitoras, quando todo leitor é potencial escritor, ou vice-versa. Isso é característico de nós contemporâneos, vivemos noticiando o fracasso das nossas disciplinas, a falta de nossas ideias que, essas sim, faltam à concretização de qualquer doutrina sólida. Sabemos que todo urso, agora, é um elefante, por exemplo. Isso é característico de nós contemporâneos, vocês, meus irmãos, companheiros de ruína do ocidente, vulgo

ocaso.

Com a ruptura do supercontinente Pangea nasceu o ocidente. Isso marca o fim dos dinossauros que, afinal, não passam de galinhas primitivas. Ou não tão primitivas assim. Isso marca os eventos geológicos ocorridos como providência para que os ovos répteis fossem superados em questão de sabor pelos ovos de galinha caipira.

A história da terra, esta que pisamos, é naturalmente bélica e dialética. Tudo foi criado com base na explosão. Já a dilatação do tempo privilegiou os mais fracos, como nós terráqueos desde que o mundo era oceano, Planeta Água, numa época remota. Quando montes de bactérias verdes, que hoje ocupam águas paradas em canais de escoamento, se fabricavam e viviam numa suruba melada, vieram as infames baratas-do-mar e acabaram com as hordas. Depois estas mesmas foram ameaçadas de extinção por um monstro marinho predador e peixes com mandíbula, dos quais certamente fazemos parte. Enquanto isso, vivia um inferno debaixo do solo desde o ano Um. E nós construímos o inferno na terra. Frente de batalha da evolução geobiológica.

Suscitou então no hominídeo a tecnologia para a sobrevivência. Mas um hominídeo percebeu que o outro hominídeo, se era forte demais, não seria páreo à técnica mortífera que se desenvolvesse. Foi assim que o gênero Homo foi completamente extinto. Potencialmente. Os 8 bilhões de indivíduos da única espécie vivente estão, de fato, em risco de extinção. Ou evolução, já perceberam que o perigo todo é endêmico, que se um humano é forte demais, deve ser guerreado! Foi assim mesmo que os humanos extinguíram os Mamutes. Isso é um nó de causalidade. O ser humano vive ensaiando a autodestruição na guerra intraespécie.

Quantos ensaios de guerra inundam a humanidade! O desenvolvimento científico em função do poder beligerante é um dado incontestável. A diplomacia é a arte de permanecer calado, ao se bolar uma conquista meritocrática daquele que invade o seu espaço e diz que valeu o esforço e mérito. Faz parte da natureza do Homem com H. Todo o capital humano se faz Homem. Agora, todos somos imortais sob o chão. Dividimos uma mesma condição miserável, sem dinheiro para o dizimo nem para o pão. Por isso, ficamos calados, sem forças para reclamar. Já a tecnologia se desenvolveu para tirar-nos as forças pouco a pouco, render-nos à comodidade da ameaça, pouco a pouco, fazer-nos de escravos tecnológicos. Esta é a natureza humana, descendente dum impacto biológico profundo.

Lembro da Idade Média, onde um milênio significou a queda de um Império. Encerrou o ciclo da cultura clássica militar. Mas veio o Imperialismo, substituindo a queda de um Império. Pois foi demonstrado às nações que era possível dominar o mundo, ao menos o mundo conhecido, nas fronteiras do Império. Expansão. Dominação. Supremacia. Não precisamos ressaltar a bizarrice presente nos eventos históricos sucessivos. Deve-se dizer, sim, que o mundo nunca foi o mesmo — ele só é igual como era antes.



Foto: adrianna geo (Unsplash)

Expediente:

**Edição e Direção de Conteúdo: Aline Félix, Caio Paiva
Ribeiro, Ewerton Ulysses Cardoso e Pedro Henrique
Rodrigues**

Diagramação:

Ewerton Ulysses Cardoso

Arte de Capa:

Maicon Aquino (@aquinart)